

Vânia Manuel Pedro

**O Papel das Redes de Parentesco na Integração de Migrantes Oriundos
da Zambézia na Cidade de Maputo**

Licenciatura em Antropologia

Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Dezembro de 2008

Vânia Manuel Pedro

**O Papel do Parentesco na Integração dos Migrantes Oriundos da
Zambézia na Cidade de Maputo**

Projecto de pesquisa submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia,
Faculdade de Letras e Ciências Sociais, como requisito parcial para a obtenção de grau de
Licenciatura em Antropologia.

Supervisora: Prof^a. Doutora. Ana Maria Loforte

Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Dezembro de 2008

Declaração

Declaro que este trabalho de graduação nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no trabalho as fontes que utilizei.

(Vânia Manuel Pedro)

Agradecimentos

O presente estudo somente tornou-se possível mediante a contribuição de muitas pessoas que sempre estiveram ao meu lado e expressaram seu apoio de diversas formas.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Prof^ª. Doutora Ana Maria Loforte, minha supervisora que em nenhum momento mediu esforços para estar comigo e discutir o trabalho oferecendo-me uma parte da sua intelectualidade e experiência. Professora foi um privilégio trabalhar consigo! Gostaria igualmente de agradecer ao Prof. Doutor Rafael Da Conceição, Dr. José Adalima e Dr. Elísio Jossias pelos comentários ao meu trabalho. Agradeço igualmente ao Dr. Emídio Gune, dr. Danúbio Lihaha, Dr^ª. Esmeralda Mariano pela força e encorajamento que me prestaram ao longo da caminhada rumo ao trabalho final.

Agradeço a Dr^ª. Margarida Paulo que me introduziu ao mundo da Antropologia Urbana no 3º ano do curso e me ensinou a gostar das temáticas exploradas nesse ramo de conhecimento.

Gostaria de reiterar minha gratidão à Prof^ª. Doutora Ana Bénard Da Costa que gentilmente cedeu-me material sobre a cidade de Maputo, área que bem conhece e tem trabalhado.

Sou grata ao Celso Inguane que incondicionalmente se dispôs a comentar este trabalho na sua fase embrionária.

Quero aqui reiterar a minha gratidão à Dr^ª. Inês Raimundo, ao Rogério Siteo e à Prof^ª. Doutora Teresa Cruz e Silva que me receberam nos seus locais de trabalho e partilharam comigo o seu saber e experiência sobre a temática das migrações internas e redes sociais.

iii

Sou igualmente grata ao Dr. Alípio Siquisse por ter acreditado em mim desde que me conheceu e me confiado grandes responsabilidades.

Agradeço também aos meus colegas de turma que junto comigo foram pioneiros do curso de licenciatura em Antropologia em quatro anos, nomeadamente: Amílcar Xavier, Ana Esperança Gule, Tayob Parbato, Jossias Humbane, Fernando Macanana, Ilídio Manhique, Linda Manjate e Leonilde Da Conceição que tornaram-se minha família ao longo desta

árdua caminhada.

Sou grata à Fátima Uaide por sempre estar perto de mim prestando sua solidariedade e me aconselhando sempre que me sentisse desanimada para prosseguir na caminhada.

Quero expressar a minha mais sincera gratidão à minha mãe Felismina pelos sacrifícios e privações que passou para me ver chegar à meta, à minha irmã Luísa Mazivila e ao meu cunhado Roque Sebastião pelo apoio e encorajamento, sem o qual creio que não teria forças para perseguir o meu objectivo. De modo geral agradeço à toda minha família e amigos que sempre acreditaram em mim e no meu potencial.

Agradeço em especial ao Arnaldo Chamo, Rogério Manhique, ao Sebastião Cossa e ao Engº. Silva Magaia que incondicionalmente me prestaram apoio de diversas formas.

Gostaria também de agradecer aos meus informantes por terem compartilhado comigo a sua intimidade e experiências de vida. Sem eles não haveria trabalho de fim de curso.

A todos que directa ou indirectamente sempre me apoiaram vai o meu mais sincero

Khanimambo!

Resumo

O estudo analisa o papel das redes de parentesco na integração de migrantes provenientes da província da Zambézia para a cidade de Maputo.

Analisou-se os percursos e motivações dos indivíduos para migrarem da sua zona de origem, neste caso da província da Zambézia, para a cidade de Maputo, bem como as estratégias de integração e de sobrevivência face à um contexto competitivo quanto ao acesso aos escassos recursos e culturalmente heterógeneo da cidade de Maputo.

O estudo em causa permitiu notar que nalguns casos coexistem diferentes redes sociais. Porém, a rede de parentesco é de longe a que suporta os indivíduos no processo de migração interna da província da Zambézia para a cidade de Maputo.

A partir do trabalho em causa notou-se que as relações de parentesco que os migrantes oriundos da província da Zambézia têm com os seus parentes ora fixados na cidade de Maputo, estão assentes em laços de consanguinidade.

Existem alguns pontos comuns entre os vendedores informais e estudantes universitários, quanto às estratégias de sobrevivência, receção e acolhimento na cidade de Maputo, mas as motivações e preferências para terem migrado diferem.

O estudo em apreço também permitiu notar que as relações de parentesco ainda têm um poder normativo mesmo num meio urbano, como o da cidade de Maputo, uma vez que algumas correntes de opinião avançam que os indivíduos que vivem num meio urbano tendem a isolar-se da sua parentela.

Palavras-chave: redes sociais, estratégias de sobrevivência, migrações internas, integração.

Acrónimos

ANAMM- Associação Nacional dos Municípios de Moçambique;

BAD- Banco Africano de Desenvolvimento;

INE- Instituto Nacional de Estatística;

PARPA- Plano de Acção para Redução da Pobreza Absoluta.

Índice

Introdução	9
Capítulo I- Metodologia.....	20
1.1. Revisão da Literatura	22
1.1.2. Migrações internas e teorias explicativas do fenómeno	22
1.1. 3. Redes sociais e migrações internas	24
1.1. 4. Redes Sociais ou <i>the Network Approach</i>	28
1.1.5. Parentesco	30
1.1.6. Redes sociais baseadas no parentesco	31
1.1.7. Estratégias de sobrevivência	32
1.1.8. Migração interna	33
1.1.9. Integração.....	33
Capítulo II- Apresentação e Discussão de Resultados.....	34
2.1. A decisão de migrar: individual ou colectiva?.....	34
2.2. Motivações e preferências para migrar para a cidade de Maputo.....	35
2.3. As relações de parentesco que se estabelecem entre os migrantes e os seus parentes já fixados na cidade de Maputo	37
2.4. Apoio que os vendedores informais e os estudantes universitários encontram nas redes de parentesco e noutras redes	39
2.5. Apoio que os parentes concedem aos migrantes na cidade de Maputo	40
2.6. Estratégias adoptadas com vista à sobrevivência na Cidade de Maputo	42
2.7. Contacto com o local de origem	45
2.8. Discussão	46
Considerações Finais	49
Referências Bibliográficas	51
Anexos.....	46

Introdução

O presente trabalho é um projecto de pesquisa realizado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane. Tem como tema *o Papel das Redes de Parentesco na Integração de Migrantes Oriundos da Província da Zambézia na Cidade de Maputo*.

Neste trabalho propomo-nos a analisar de que forma as redes sociais baseadas no parentesco contribuem para a integração dos migrantes oriundos da Zambézia na Cidade de Maputo e constituem uma estratégia de sobrevivência face às dificuldades de inserção num meio que lhes é estranho.

Ao longo de suas vidas os indivíduos tendem a inventar e a reinventar estratégias de sobrevivência de modo a fazer face às dificuldades que enfrentam, e uma das formas de enfrentar as dificuldades impostas pela vida é migrar de um local para o outro, seja dentro ou fora do País, em busca de melhores oportunidades de vida.

Algumas pessoas em grupo ou individualmente têm se transferido de zonas rurais, ou de pequenos núcleos urbanos para núcleos urbanos maiores, facto que não deve ser encarado como uma simples decisão individual (Biza, 2000; Maia, 2002; Ferreira-Nunes, s/d).

A migração que os indivíduos encetam provoca uma ruptura com a sua história seja individual, seja colectiva, acarretando o abandono do conhecido em direcção ao desconhecido. No percurso migratório desconhecido é justamente o meio e a vida

urbanos, a chegada num espaço novo que no seu quotidiano recusa o seu passado, colocando muralhas à nova ordem trazida pelos migrantes.

O meio urbano enferma de problemas sociais tais como: desemprego aberto ou disfarçado, desordenamento espacial, luta pela sobrevivência, criminalidade, anomia, delinquência e heterogeneidade cultural (Wirth, 1979 citado por Ferreira Nunes, s/d). Contudo, o migrar não é uma solução acabada, pois é preciso encontrar mecanismos de integração e de sobrevivência num novo meio social.

Algumas estratégias de sobrevivência accionadas pelos indivíduos para fazer face às adversidades do meio urbano são: a venda de alguns produtos, o recurso a diversas redes de protecção social baseadas em laços de vária ordem gerados em espaços sociais distintos tais como: o parentesco, a religião e a vizinhança (Biza, 2000).

O nosso objectivo na presente pesquisa é analisar de que forma os migrantes oriundos da Província da Zambézia inserem-se num meio urbano como o da cidade de Maputo, se se atender e se considerar que o meio urbano é tido como fenómeno estruturador de relações sociais, comportamentos individuais, práticas colectivas específicas, e heterogéneas (Wirth, 1979 citado por Ferreira-Nunes, s/d), que corroem as relações de parentesco.

De modo geral pode se dizer que o estudo das migrações constituiu o *take-off* da Antropologia Urbana. A Antropologia Urbana nasceu na década a seguir a segunda Guerra Mundial através de Antropólogos que trabalhavam na então África Central Britânica, conduzidos por Max Gluckman (Werbner, 1984).

O fenómeno migrações internas não é novo tanto na sua ocorrência assim como no seu estudo. É um fenómeno que já vem sendo estudado por alguns autores em Moçambique,

embora seja numa perspectiva geográfica, como por exemplo Manuel De Araújo e Inês Raimundo.

A questão das migrações internas é delicada e tem que ser vista como um fenómeno social total que requer combinação de políticas multisectoriais, uma vez que a concepção de políticas económicas e sociais assim como a distribuição da população influencia na alocação de recursos. Alguns indivíduos na tentativa de aceder a recursos económicos migram de um ponto ao outro dentro do mesmo País, como é o caso dos migrantes provenientes da província da Zambézia para a cidade de Maputo, analisados neste estudo.

No que toca a estudos sobre migrações internas no seio da Antropologia há que realçar o trabalho de Richard Basham. As migrações segundo este autor dividem-se em três grupos, nomeadamente: migrações obrigatórias, forçadas e espontâneas.

As migrações obrigatórias são aquelas que advêm de uma política estatal, que impõe a saída de um local para o outro. As migrações forçadas são motivadas pela guerra e calamidades naturais. As migrações espontâneas tem a ver com a vontade dos indivíduos para migrar, porque estão em busca de melhores condições de vida (idem).

Para o presente trabalho, importa-nos olhar para as migrações internas espontâneas tendo como marco o período desde o acordo geral de paz até ao momento, em que são criadas condições para grande mobilidade e deslocamentos populacionais de forma espontânea.

O objectivo geral que norteia o nosso trabalho é analisar e mostrar que as redes sociais baseadas no parentesco constituem uma estratégia para a integração sócio-económica dos migrantes e sua sobrevivência. Para concretização do nosso objectivo geral, traçamos os seguintes objectivos específicos: identificar e analisar o tipo de relação de parentesco (consanguíneo ou social) que os migrantes estabelecem com as pessoas já fixadas na

Cidade de Maputo, identificar e compreender o apoio que as redes de parentesco concedem aos migrantes para a sua integração, analisar de que forma a ideia de migrar surge de uma decisão individual ou colectiva com vista a reprodução social e identificar e analisar as estratégias desencadeadas pelos migrantes para a sua sobrevivência no quotidiano.

Elaboramos duas hipóteses para o presente trabalho. A primeira hipótese que levantamos é que os migrantes oriundos da Zambézia para integrarem-se económica e socialmente na Cidade de Maputo, accionam as redes sociais baseadas no parentesco, a partir dos parentes já fixados no meio urbano. A segunda hipótese é que os migrantes estabelecem laços com finalidades múltiplas fundados na observância estrita de um conjunto de regras para garantir a sua sobrevivência.

Contextualização e definição do problema

A decisão de migrar seja de um País ao outro, ou dentro do mesmo país, requer que se adopte uma estratégia de integração na sociedade de acolhimento. Quando os indivíduos optam por migrar é necessário que eles tenham um suporte no local para onde se deslocam.

O problema que identificamos no presente estudo tem a ver com o facto de alguns estudos, como por exemplo de Parsons (1968; 69), afirmarem que os laços de parentesco perdem o seu poder normativo sobre os indivíduos devido às características do meio urbano, a saber: economia monetarizada, relações impessoais, anonimato, diversidade ou heterogeneidade cultural, grande densidade populacional e grande mobilidade inter-urbana e intra-urbana de pessoas (Wirth, 1979 citado por Ferreira Nunes, s/d; Castells, 1984).

O presente estudo apoia-se nas visões de Rita-Ferreira (1967/68), de Maia (2002) e de Serapioni (2005) que consideram que apesar das mudanças ocorridas na estrutura da família e nas relações comunitárias, o campo das redes sociais e da solidariedade primária (relações de parentesco, de amizade e de vizinhança), os laços de parentesco persistem e continuam tendo uma significativa relevância para os sujeitos, também nas sociedades urbanizadas.

Breve caracterização da cidade de Maputo

A cidade de Maputo foi fundada em 1782, na forma de uma feitoria com o nome de Lourenço Marques. Em 1877 foi elevada à categoria de vila e em 10 de Novembro de 1887 à categoria de cidade por meio de um Decreto do Rei de Portugal (formalmente intitulado Decreto Régio). Em 1898 tornou-se a capital da colónia portuguesa de Moçambique. A partir dos anos 40 e 50 do século XX, e sobretudo ao longo dos anos 60 e 70, a cidade expandiu-se a nível comercial, industrial e residencial, beneficiando do crescimento económico e investimento que a colónia então sofreu.

A cidade passou designar-se Maputo depois da independência nacional, uma decisão anunciada pelo então presidente Samora Machel num comício a 3 de Fevereiro de 1976. O nome provém do Rio Maputo, que marca parte da fronteira Sul do País. Com a independência, a cidade sofreu um imenso afluxo populacional, devido à guerra civil travada no interior do país (1976-1992) e à falta de infra-estruturas nas zonas rurais. O natural crescimento demográfico faria também com que a cidade se transformasse muito ao longo dos anos 80 e 90.

Para além destas duas designações, a cidade e a sua área também foram conhecidas por outros nomes, tais como *Baía da Lagoa*, *Xilunguine* ou *Chilunguine* (local onde se fala a língua portuguesa), *Mafumo*, *Camfumo* ou *Campfumo* (do clã dos *M'pfumo*, o reino mais importante que existia nesta região), *Delagoa* e *Delagoa Bay*, sendo esta designação mais conhecida internacionalmente pelo menos até aos primeiros anos do século XX.

A cidade constitui administrativamente um município com um governo eleito e tem também, desde 1980, o estatuto de província. Não deve ser confundida com a província de Maputo que ocupa a parte mais meridional do território Moçambicano.

O Município de Maputo ocupa uma área de 316 km² e estende-se desde o extremo Norte do rio Maputo até ao Município da Matola e distrito de Marracuene.

A Cidade de Maputo está dividida em sete distritos, a saber: Distrito Urbano nº1, Distrito Urbano nº2, Distrito Urbano nº3, Distrito Urbano nº4, Distrito Urbano nº5, Distrito Municipal da Ilha da Inhaca e Distrito Municipal da Catembe.

Os bairros da cidade de Maputo são: 25 de Junho, Aeroporto, Albasine, Alto Maé, Central, Chamanculo, Coop, Ferroviário das Mahotas, Forças Populares, George Dimitrov, Hulene, Inhagóia, Jardim, Laulane, Luis Cabral, Mafalala, Magoanine, Mahotas, Malanga, Malhangalene, Malhazine, Mavalane, Maxaquene, Minkadjuine, Nsalene, Pescadores, Polana-Caniço, Polana-Cimento, Sommerschild, Unidade 7, Xipamanine, Zimpeto.

A população da Cidade de Maputo é actualmente de 1 044 618 habitantes, sendo 48,8% homens e 51,2% mulheres (INE, 2002 citado por ANAMM, 2008).

No censo realizado em 1997, a Cidade de Maputo registou uma população de 987.943 habitantes, dos quais 49% do sexo masculino e 51% do sexo feminino. Actualmente (com base nos dados do Instituto Nacional de Estatística de 2003) e de acordo com as projecções, a população da Cidade de Maputo é de 1.162.486 distribuindo-se nas mesmas proporções percentuais, à semelhança do censo de 1997 (idem).

Tomando as projecções demográficas para o ano 2004, a Cidade de Maputo, à semelhança de todo o País, é uma cidade constituída maioritariamente por jovens e um número reduzido de velhos (ANAMM, 2008).

A economia do Município de Maputo está fundamentalmente virada para a indústria, comércio e serviços. Possui o principal porto do País, considerado o segundo em toda a

costa oriental de África devido a sua dimensão, capacidade de manuseamento de carga e produtividade. A este do porto confluem três principais linhas ferroviárias que ligam à República da África do Sul (linha do Ressano Garcia), ao Zimbabwé (linha do Limpopo) e à Suazilândia (linha de Goba), compondo o sistema e rede de transportes dos Caminhos de Ferro de Moçambique Sul (CFM-SUL), conhecido como “ Corredor de Maputo”. A componente ferroviária dos CFM-SUL constitui a mais importante de toda a rede ferroviária de Moçambique, tanto por servir o *hinterland* que pelo apoio ao desenvolvimento dos sectores industrial, comercial e agrícola da zona sul do rio Save.

Maputo possui ainda um dos melhores aeroportos internacionais da região, o Aeroporto Internacional de Mavalane e alberga as sedes, delegações e filiais da rede bancária existente no País, companhias de seguros e demais importantes empresas públicas e privadas.

O comércio é caracterizado por dois tipos de mercados: o mercado formal, que compreende a rede de comércio a retalho e grossista, espalhada pela Cidade e arredores, e o mercado informal, constituído por um conjunto de vendedores espalhados pela Cidade.

As confissões religiosas mais professadas são: igreja sião Apostólica, católica, evangélica ou protestante, muçulmana, hindú e animista (INE, 2004).

As línguas mais faladas na cidade de Maputo são as seguintes: português, *xichangana*, *cicopi* ou *copii*, *xitswa*, *bitonga* ou *gitonga* e outras línguas estrangeiras e moçambicanas não identificadas (idem).

O nosso enfoque no papel das redes sociais baseadas no parentesco na questão das migrações internas, deriva do facto de nós termos observado uma tendência para migrantes oriundos da província da Zambézia concentrarem-se na Cidade de Maputo, e

também porque na fase das conversas exploratórias que mantivemos com alguns migrantes oriundos da província da Zambézia, estes disseram-nos que os seus parentes ora fixados na Cidade de Maputo é que os receberam e os abrigaram, assim como lhes mostraram caminhos para sua sobrevivência.

Outro factor que motivou nosso interesse para estudar o assunto em apreço tem a ver com o facto de constatarmos que na Cidade de Maputo o número de habitantes tem vindo a aumentar exponencialmente, enquanto o custo de vida tem estado a subir cada vez mais. O nível de pobreza e desigualdade subiu na cidade de Maputo de 47,3% para 53,2% (INE, 2004 citado por Paulo, Rosário e Tvedten, 2007).

O padrão de despesa em Maputo mostra que as pessoas gastam uma larga fatia dos seus rendimentos em bens não alimentares. As despesas com habitação e transporte são particularmente elevados se comparados com outras áreas urbanas e rurais (idem: 16).

O facto de o nível de vida da maior parte das pessoas que vivem na cidade de Maputo ser precário, suscitou nosso interesse porque mesmo para as pessoas naturais da cidade de Maputo as oportunidades de emprego, educação e habitação têm vindo a escassear, quiçá para os migrantes que chegam à um novo meio que lhes é estranho e oferece poucas oportunidades de inserção no mercado de emprego.

O projecto de pesquisa em apreço é uma tentativa de explicar os fenómenos migratórios internos no nosso país e as estratégias de sobrevivência que os indivíduos mobilizam para colmatar as dificuldades que atravessam na prossecução dos seus objectivos, assim como as inter-relações culturais e novas formas de sociabilidade que vão ocorrendo nos locais onde os migrantes se fixam.

A Antropologia como ciência que estuda as inter-relações culturais que se estabelecem entre os indivíduos, é um terreno fértil para explicar a maneira como os migrantes se relacionam com os indivíduos que ficaram nos seus locais de origem e com os que encontram no meio urbano para onde migram.

Apesar de já terem sido realizados alguns estudos sobre estratégias de sobrevivência e redes sociais na cidade de Maputo e estudos urbanos sobre outros temas, tais como Loforte (2000), Biza (2000), Cruz e Silva (2003), Manuel (2004 e 2005), Paulo (2005), Da Costa (2007), o nosso estudo diferentemente dos demais faz enfoque no papel do parentesco na recepção, acolhimento e socialização dos migrantes no meio urbano, o que de certa forma constitui uma inovação na medida em que muitos dos estudos realizados em meio urbano no nosso país abordam a questão do sector informal, da participação da mulher no provimento de bens e serviços para sobrevivência da família, relações de género em diversas esferas da sociedade e sexualidade.

Em conversas que temos tido e através da observação no quotidiano, temos constatado que muitos indivíduos oriundos da Província da Zambézia têm se feito à Cidade de Maputo em busca do “Eldorado”, e quando cá chegam deparam-se com dificuldades de inserção tais como: desemprego e pobreza. Segundo Ibraimo (1994) e PARPA (2005) citados por Da Costa (2007), Maputo é a cidade que concentra maior número de pobres e este número tem vindo a aumentar- 47,8% entre 1996-97 e 53,6% em 2002-03. Maputo é também a cidade a que aflui a maior parte dos rurais que emigram para as cidades (INE, 1997; Oppenheimer e Raposo, 2002).

A conferência do BAD, realizada na Cidade de Maputo na semana de 5 a 11 de Maio de 2008, teve como especial enfoque as migrações internas, sobretudo o êxodo rural, que tem feito as cidades ficarem superlotadas, e a cidade de Maputo por ser em simultâneo a capital económica, política e administrativa de Moçambique não tem sido excepção à

esse fenómeno, por constituir um pólo de atracção para a fixação de residência e busca de melhores condições de vida.

A importância conferida pela conferência do BAD às migrações internas no continente Africano, mostra a pertinência social de que o assunto se reveste. Através deste estudo esperamos contribuir de alguma forma para entender o fenómeno das migrações internas a partir dos olhos dos actores sociais envolvidos no fenómeno.

A pertinência deste trabalho está em mostrar a razão *émica* para as migrações internas como é o caso da migração de indivíduos oriundos da Zambézia para a Cidade de Maputo, e a forma como estes integram-se em meio urbano, criam e recriam estratégias de sobrevivência, se relacionam com os parentes que ficaram nos seus espaços de origem e com os que já se encontram fixados na cidade de Maputo.

O nosso trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentamos a metodologia que utilizamos na realização do estudo, bem como a revisão da literatura e a abordagem teórica das redes sociais ou *the network approach* segundo Mitchell (1969). Apresentamos também no primeiro capítulo resultados de alguns estudos sobre as redes sociais no contexto das migrações internas, sobretudo das redes de parentesco em Moçambique e não só. Também discutimos duas teorias explicativas sobre o fenómeno migratório, a saber: as teorias micro-sociológicas e macro-sociológicas, mostrando qual das teorias adoptamos no presente estudo.

No segundo capítulo apresentamos e discutimos dados empíricos para aferir se a decisão de migrar é individual ou colectiva, as motivações e preferências para migrar para a Cidade de Maputo, as relações de parentesco que os migrantes estabelecem com os parentes já fixados na cidade de Maputo, apoio que os migrantes recebem das redes de parentesco e de outras redes, apoio que os parentes que ficaram na zona de origem e os já fixados em meio urbano concedem aos migrantes na cidade de Maputo, as estratégias de

sobrevivência adoptadas pelos migrantes, o contacto com o local de origem e a discussão dos dados.

Após ao segundo capítulo apresentamos as considerações finais do estudo, as referências bibliográficas e o anexo do guião de entrevistas.

Capítulo I- Metodologia

Na realização do presente trabalho optamos pela metodologia qualitativa. A metodologia qualitativa inscreve-se na corrente compreensivista, considerada mãe de todas as abordagens qualitativas (Minayo e Sanchez, 1993).

O método qualitativo permite realizar uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objecto, uma vez que ambos são da mesma natureza. O método qualitativo permite também penetrar nos motivos, intenções e projectos dos actores a partir das quais as acções, as estruturas e as relações se tornam significativas (idem).

O método qualitativo, em combinação com técnicas e instrumentos de observação, permite alcançar a informação pretendida apenas com poucos interlocutores, visto que o número de entrevistas na pesquisa qualitativa não invalida a fiabilidade dos resultados (Goldenberg, 2000)

A representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais está relacionada com a capacidade do investigador de compreender o significado do fenómeno estudado no seu contexto e não com a sua expressividade numérica. Goldenberg refere que o pesquisador qualitativo busca exemplos que possam revelar a cultura de onde estão inseridos (idem).

As técnicas de recolha de dados que utilizamos são: a revisão da literatura, as entrevistas semi-estruturadas, entrevistas colectivas e comparação do conteúdo das entrevistas.

A revisão da literatura permitiu aprimorar a base teórica do estudo e obter um ponto de referência para comparação de resultados. As entrevistas semi-estruturadas permitiram deixar os informantes falarem à vontade, o que constitui uma premissa básica no

processo de recolha de informação. Utilizamos também as entrevistas colectivas com intuito de captar as diversas opiniões que indivíduos abrangidos pelo mesmo fenómeno têm. A comparação dos conteúdos das entrevistas serviu para identificar os pontos comuns e os diferentes com relação à temática em estudo.

O trabalho de campo foi realizado junto aos migrantes oriundos da Província da Zambézia que possuem pequenos negócios nos arredores da Praça de Touros vulgo *Shopríte*, e estudantes universitários residentes no bairro da Polana Caniço A, na mesma cidade.

Os estudantes universitários abrangidos pelo presente estudo são oriundos e naturais da cidade de Quelimane, com excepção de dois que nasceram no distrito do Gurué, mas cresceram na cidade de Quelimane. Os vendedores informais são todos naturais do distrito de Namacurra.

Optamos por trabalhar com dois grupos diferentes abrangidos pelo mesmo fenómeno para cruzarmos informação, pois consideramos que os migrantes não têm as mesmas motivações e representações sobre o fenómeno migratório.

A escolha do bairro Polana Caniço foi motivada pelo facto de residirem lá alguns estudantes universitários naturais da província da Zambézia, e por ser bem próximo da Universidade Eduardo Mondlane onde a investigadora principal se encontra a estudar. A escolha da Praça de Touros tem a ver com o facto de esta ser próxima da escola de condução onde a investigadora principal se encontrava a frequentar na altura em que o trabalho de recolha de dados iniciou.

O estudo foi feito junto a 15 migrantes oriundos da província da Zambézia, sendo 7 estudantes universitários residentes no Bairro Polana Caniço A, e 8 vendedores informais

que desenvolvem suas actividades na Praça de Touros, vulgo *Shoprite*. As idades dos entrevistados variam entre 18 e 43 anos para os vendedores informais, e de 21 e 27 anos para os estudantes universitários.

O nível de escolaridade entre os vendedores informais varia entre 4^a a 7^a classe do sistema nacional de educação. Ao passo que o nível de escolaridade dos estudantes universitários varia entre a frequência do 1^o ao 4^o nível dos cursos ministrados na UEM.

No mesmo período em que foram efectuadas as entrevistas junto aos migrantes, entrevistamos três investigadores que têm trabalhado com assuntos relacionados às redes sociais e migrações internas.

Para procedermos a análise dos resultados efectuamos a interpretação das informações obtidas durante o trabalho de campo e fizemos um cruzamento destas informações, com as informações colhidas em obras consultadas durante o levantamento dos dados bibliográficos e apresentados na revisão da literatura.

1.1. Revisão da Literatura

No presente capítulo apresentamos teorias sobre as migrações internas e resultados de alguns estudos sobre o papel das redes de parentesco em meio urbano, sobretudo no contexto das migrações internas e a abordagem teórica por nós adoptada.

1.1.2. Migrações internas e teorias explicativas do fenómeno

Apesar de ser uma temática amplamente explorada na geografia, alguns antropólogos como Basham (1978) exploraram as motivações e preferências dos indivíduos para migrarem para a cidade. Este autor questiona se as pessoas são impelidas para a cidade

pelo conjunto de oportunidades oferecidas por esta, ou se as causas da dispersão rumo à cidade estão na cidade ou no campo.

Existem factores que atraem e empurram o indivíduo para a cidade. De entre os factores que atraem os indivíduos para a cidade, destacam-se a progressão na carreira profissional e a economia monetária.

Os factores que empurram os indivíduos para a cidade são aqueles que fazem com que eles se dirijam à cidade sem saber o que lhes espera, porque o seu meio rural é muito simples, não dando muita chance de singrar na vida (idem).

Existem dois grupos de teorias sociológicas sobre as migrações, nomeadamente: as micro-sociológicas e as macro-sociológicas. Nas teorias micro-sociológicas destaca-se o papel do agente individual. Por muitas que sejam as condicionantes externas à sua decisão, trata-se de um contexto económico ou do contexto social de acção. É a racionalidade individual que no limite conjuga estas envolventes e promove a decisão de mobilidade (Peixoto, 2004).

A maior parte das teorias micro-sociológicas apresenta uma raíz económica que deriva da economia neo-clássica, sobretudo incorporados no modelo *push-pull* e mais recentemente na escola do capital humano. De entre os factores *push-pull* destacam-se a mão-de-obra ou trabalho nas áreas urbanas, alta circulação de capital, mais bens de consumo disponíveis, maior acesso a bens e serviços e comodidades (Peixoto, 2004; Bilale, 2007).

Ora, as teorias macro-sociológicas privilegiam a acção dos factores de tipo colectivo ou estruturante que condicionam sob diversas formas as decisões migratórias dos agentes sociais.

As teorias macro-sociológicas de explicação do fenómeno migratório emanam das teorias estruturalistas que defendem a primazia da estrutura sobre o actor social e

fornecem uma leitura deturpada do fenómeno migratório, uma vez que não mostram as dinâmicas que vão ocorrendo no seio do processo migratório.

As zonas de confluência entre as visões micro e macro são múltiplas e as distinções não são absolutas porque se se analisar os processos migratórios, notar-se-á que envolvem uma moldura colectiva em que se processam estratégias individuais (Peixoto, 2004).

No presente trabalho adoptamos como teoria explicativa das migrações a teoria macro-sociológica por permitir notar que apesar de o indivíduo ter livre arbítrio, ele encontra-se inserido num certo grupo social que tem as suas regras de conduta e em que ocorre uma negociação entre ambos. Porém, discordamos desta teoria pelo facto de ver na estrutura o elemento dominador sobre a acção do indivíduo porque advogamos que existe todo um conjunto de conflitos e negociações entre o indivíduo e a estrutura, ocorrendo deste modo uma interdependência entre o indivíduo e a sociedade (Benedict, s/d).

1.1. 3. Redes sociais e migrações internas

Apesar de termos procurado literatura sobre Moçambique que trate concretamente do papel das redes sociais nas migrações internas, não encontramos. A literatura sobre as redes sociais em Moçambique não toca directamente a questão das migrações internas, mas aborda a temática das redes noutras esferas. Identificamos dois estudos que mostram a importância das redes sociais no contexto das migrações internas, nomeadamente: Loforte (1987) e Manjate (2007).

O estudo de Loforte (1987) aborda o papel das redes de parentesco na inserção dos migrantes oriundos do meio rural na cidade de Maputo. Este estudo mostra também que há toda uma rede de parentes empenhados em garantir a partida dos migrantes do meio rural e a sua integração na cidade de Maputo.

Manjate (2007) analisa o processo de integração a partir dos mecanismos pelos quais as redes de solidariedade funcionam como intervenientes. Esta autora afirma que as redes de solidariedade aparecem como estratégias de sobrevivência.

Através de ligações familiares e outros parentes os migrantes chegam à cidade de Maputo e encontram acolhimento, expresso na garantia de habitação, emprego, companheirismo e outras necessidades, principalmente nos primeiros dias de chegada e em momentos de crise financeira e de outra ordem (idem).

Para colmatar o défice de informação que sentimos de estudos que tratam especificamente das redes sociais no contexto das migrações internas no nosso país, recorreremos também a alguns estudos feitos em Portugal e no Brasil.

Um dos estudos a que recorreremos é o estudo de Maia (2002) denominado *Migrações e Redes de Relações Sociais em Meio Urbano: um exemplo a partir do Porto*. Este autor aborda a questão das redes de relações sociais a partir da fixação dos migrantes estabelecidos há mais tempo, e entre os migrantes e os que permanecem nos espaços de origem, tanto familiares como conterrâneos. Este autor chama atenção para o papel das redes de parentesco nos processos migratórios e na condição dos migrantes em relação às sociedades de acolhimento e de origem.

As relações sociais primárias de carácter familiar a par das relações de conterraneidade são indispensáveis na fixação dos migrantes ao meio urbano e permanecem intensas após a estadia, tanto por contactos à distância a partir dos que migram e os que ficam na terra de origem (Maia, 2002: 60).

Por seu turno Lyra (2003) considera que as redes sociais fornecem apoio psicológico e material necessário aos migrantes. Representam uma forma de capital significativo. Encaminham ao emprego, intermediam comunicações e servem de elo de ligação entre os diversos intervenientes do processo.

Para colmatar o défice de informação que sentimos de estudos que tratam especificamente das redes sociais no contexto das migrações internas no nosso país, recorreremos a alguns estudos feitos em Portugal e no Brasil.

Um dos estudos a que recorreremos é o estudo de Maia (2002) denominado *Migrações e Redes de Relações Sociais em Meio Urbano: um exemplo a partir do Porto*. Este autor aborda a questão das redes de relações sociais a partir da fixação dos migrantes estabelecidos há mais tempo, e entre os migrantes e os que permanecem nos espaços de

origem, tanto familiares como conterrâneos. Este autor chama atenção para o papel das redes de parentesco nos processos migratórios e na condição dos migrantes em relação às sociedades de acolhimento e de origem.

As relações sociais primárias de carácter familiar a par das relações de conterraneidade são indispensáveis na fixação dos migrantes ao meio urbano e permanecem intensas após a estadia, tanto por contactos à distância a partir dos que migram e os que ficam na terra de origem (Maia, 2002: 60).

Por seu turno Lyra (2003) considera que as redes sociais fornecem apoio psicológico e material necessário aos migrantes. Representam uma forma de capital significativo. Encaminham ao emprego, intermediam comunicações e servem de elo de ligação entre os diversos intervenientes do processo. Geralmente cada migrante novo faz crescer uma rede em torno de si, incluindo outras pessoas migrantes ou não. Estas redes proliferam e sustentam-se.

As mais importantes relações nas redes sociais são baseadas no parentesco, amizade, e conterraneidade, as quais são reforçadas por uma interação regular em associações voluntárias (idem).

Alguns estudos como o de Bilac (1997) mostram exemplos da utilidade das redes sociais no contexto das migrações internas:

Correntes migratórias são estimuladas pelas redes sociais baseadas em laços familiares, domésticos, de amizade e comunitários. Ligando migrantes e não migrantes em uma complexa teia de redes de relações sociais e interpessoais, tais redes conduzem informação, assistência social e financeira. Elas também modelam os efeitos da migração (...) e a continuidade dos fluxos migratórios (Bilac, 1997: 70).

1.1. 4. Redes Sociais ou *the Network Approach*

No presente trabalho utilizamos a teoria das redes sociais. A noção de redes sociais nasce na Antropologia Social. A construção do sentido analítico das redes sociais desenvolveu-se em torno de duas correntes: uma que emerge da Antropologia Social Britânica do pós-guerra mundial, e se preocupa fundamentalmente com uma análise situacional de grupos restritos; outra, sobretudo americana que se prende com o desenvolvimento da análise quantitativa, no quadro de uma análise estrutural (Portugal, 1995).

A utilização do conceito de rede social entre os Antropólogos Britânicos surge, em grande medida, como resultado da crescente insatisfação com o modelo estrutural-funcionalista clássico, e está ligada ao grupo que sob a direcção de Gluckman, desenvolveu um vasto conjunto de trabalhos empíricos em África e na Europa (idem).

O uso analítico das redes sociais tem sido utilizado especialmente na análise das chamadas redes de movimentos, redes de solidariedade, que são expressões vinculadas à estudos do campo dos movimentos sociais (Acioli, 2007).

De acordo com Mitchell (1969) é comum a existência no meio urbano de vários tipos de associações para defesa dos seus interesses, associações estas que desempenham um papel de relevo na organização social das cidades.

As redes sociais no seu início preocupavam-se somente com os laços (conteúdos normativos) tais como parentesco, amizade e vizinhança, que uniam os indivíduos em rede. Esta perspectiva é, segundo Mitchell (1969), metafórica e não analítica, pois não permite analisar e especificar as propriedades dos laços que unem as pessoas em rede, e que podem ser utilizadas para interpretar as inter-relações e os comportamentos sociais dos indivíduos.

A perspectiva metafórica sobre as redes sociais viria a ser suplantada pela perspectiva analítica de redes sociais apresentada por Mitchell (1969):

Conjunto específico de laços entre um conjunto definido de pessoas com a propriedade adicional de que características desses laços, podem servir para interpretar o comportamento das pessoas envolvidas (idem, 1969: 2).

A perspectiva analítica das redes sociais acima proposta por Mitchell teve como mérito mostrar que a definição do conceito de redes sociais a partir da metáfora não permite a percepção de vários aspectos das relações sociais, tais como ausência de ligação entre os indivíduos, intensidade das relações sociais entre os integrantes da rede, *status* e o papel social dos mesmos.

A teoria das redes sociais ou *the network approach* tem sido utilizada para analisar fenómenos urbanos, migrações internas, fenómenos mais vastos como as situações de conflito, de competição política, ou ainda, na análise de problemas como a fome, a vulnerabilidade e a pobreza, na medida em que facilita a compreensão dos diferentes tipos de estratégias presentes, particularmente através de redes assistenciais desenvolvidas para enfrentar esses problemas (Loforte, 2000; Cruz e Silva, 2003).

Esses trabalhos partem da análise de redes utilizada pela Antropologia Social, articulando conhecimentos das ciências sociais e da geografia, como caminho metodológico que facilite a apreensão das interações sociais, espaciais, informais ou institucionalizadas e temporais, que se estabelecem nesse campo (idem).

Qual é o contributo da teoria das redes sociais para o estudo do papel exercido pelas relações de parentesco no suporte às migrações internas?

A análise das redes sociais, neste caso das redes de parentesco no contexto das migrações internas, permite-nos por um lado explicar os comportamentos e a natureza das relações, e por outro lado porque implica a utilização de conceitos como família e parentesco, pelo papel crucial que as relações de cooperação que se estabelecem por intermédio da família representam na construção e reconstrução de redes de solidariedade.

Para o presente trabalho operacionalizamos os conceitos: redes sociais, redes sociais baseadas no parentesco, parentesco, estratégias de sobrevivência, migração interna e integração.

1.1.5. Parentesco

Para Radcliffe-Brown (1950) o parentesco é um sistema de direitos e obrigações. Este autor considera ainda que o parentesco pode se revestir de duas características: a consanguinidade e a aliança. Deste modo, existem deveres e direitos entre os consanguíneos e os aliados.

O parentesco define-se como um conjunto de laços que unem geneticamente (filiação, descendência) ou voluntariamente um determinado número de indivíduos. Reveste-se mais de um carácter sócio-cultural do que biológico, tanto mais que os laços de consanguinidade podem não ser conhecidos socialmente em casos de paternidade ilegítima (Rivière, 1995: 63).

Segundo Carsten (2000), o parentesco pode ser visto como passado pelo nascimento e imutável ou como moldado no quotidiano pelas actividades da vida familiar, assim como pela acção dos geneticistas e clínicos que estudam os tratamentos de fertilidade e a medicina pré-natal.

Por seu turno Dos Santos (2006) considera que o parentesco não assenta necessariamente sobre a existência das relações de consanguinidade, porque podem existir laços de parentesco não reconhecidos socialmente e que não acarretam nenhuma relação parental.

No presente trabalho utilizaremos o conceito de parentesco proposto por Dos Santos (2006) por permitir notar a necessidade das relações de parentesco serem socialmente reconhecidas independentemente de assentarem na consanguinidade ou na afinidade.

Utilizaremos também o conceito de parentesco proposto por Radcliffe-Brown (1950) por mostrar que entre parentes consanguíneos e afins existem deveres e direitos, o que de certa forma mostra a lógica de reciprocidade diferida no tempo que ocorre entre os membros de uma rede social.

A lógica de reciprocidade é visível quando algum integrante da rede vai se casar, está doente, quando ocorre um infortúnio, em caso de conflitos no lar, em caso de desemprego, quando ocorre um falecimento, quando alguém viaja à um local em que não conhece ninguém, ou em casos de prisão de algum membro da rede social independentemente de a rede ter como base o parentesco, a amizade ou a vizinhança.

1.1.6. Redes sociais baseadas no parentesco

As redes sociais constituem uma das formas de solidariedade primária que os indivíduos mobilizam para fazer face a certas situações do quotidiano. O parentesco, independentemente de ser por consanguinidade, afinidade ou fictício constitui uma forma de inter-ajuda em situações de crise e como estratégia de sobrevivência em meio urbano (Lundin, 1991). O ponto de vista desta autora sobre os laços de parentesco mostra que estes são utilizados como estratégia de sobrevivência em meio urbano.

As redes de parentesco são importantes, porque auxiliam na ajuda medicamentosa e na alimentação conforme documenta o estudo de Inguane (2006), na educação e no abrigo (Biza, 2000).

Rita-Ferreira (1967/68) considera que existem duas razões que explicam a persistência e solidez no contexto urbano dos laços tradicionais de parentesco, a saber:

1ª razão: Os laços de parentesco representam uma solução económica, social e psicológica num ambiente moderno superficialmente conhecido e que justa ou

injustamente se considera carente de meios de segurança que possam substituir vantajosamente os tradicionais. Porém, esta atitude não se baseia apenas no objectivo interesseiro de conceder protecção hoje para receber protecção amanhã durante quaisquer imprevistas aflições derivadas do desemprego, da invalidez e da velhice (idem).

2^a razão: O indivíduo pode ter interesse de continuar a participar nos assuntos do agregado familiar que deixou na terra de origem, e talvez possa querer regressar ao meio de onde partiu temporária ou definitivamente. Os parentes que permanecem na povoação donde partiu assumem frequentemente a guarda e a manutenção da mulher e dos filhos do ausente até que as condições económicas deste lhe permitam reunir junto de si a família nuclear (idem).

1.1.7. Estratégias de sobrevivência

As estratégias de sobrevivência podem também ser designadas como estratégias económicas. Estratégias económicas são o conjunto de práticas através das quais os membros das famílias obtêm rendimentos ou produtos. Essas práticas envolvem múltiplas dimensões (social, simbólica e económica) e diferentes tipos de recursos (humanos, sociais, culturais e naturais) que são articulados de forma dinâmica e relacional pelos actores sociais (Da Costa, 2007: 123).

O conceito de estratégias de sobrevivência acima apresentado, coaduna-se com o propósito do presente projecto de pesquisa, que é mostrar que o parentesco e as suas redes constituem uma estratégia de sobrevivência accionada pelos migrantes oriundos da Província da Zambézia, por forma a integrarem-se económica e socialmente na Cidade de Maputo.

1.1.8. Migração interna

Considera-se migração interna ao movimento de pessoas de um lugar geográfico ao outro, dentro dum país com mudança de residência (INE, 1997).

Por seu turno Bilale (2007) define migração interna como mudança de residência de um distrito para a sede da província ou de uma cidade pequena para a cidade de Maputo.

No presente estudo utilizamos o conceito de migração proposto por Bilale (2007), pois vai ao encontro do nosso objectivo que é o de analisar o fenómeno migração interna, da província da Zambézia para a cidade de Maputo.

1.1.9. Integração

É um processo individual e colectivo a um novo *modus vivendi* próprio ou colectivo que seja de origem diferente. Desta feita as pessoas integram-se, quando se incluem num novo conjunto social e económico (Maia, 2002). O conceito de integração acima proposto por Maia tem o mérito de mostrar que os migrantes oriundos da província da Zambézia, ou qualquer outro migrante independentemente de ser interno ou internacional, tem que se integrar na ordem social e económica vigente no local para onde partiu e passar a reger a sua vida em função dos ditames da sociedade de acolhimento.

Capítulo II- Apresentação e Discussão de Resultados

No presente capítulo apresentamos e discutimos os resultados obtidos aquando da fase de recolha de dados.

2.1. A decisão de migrar: individual ou colectiva?

A decisão de migrar para a maioria dos migrantes com quem conversamos, não foi tomada individualmente, mas como produto de uma decisão conjunta porque de acordo com Loforte (1987) os migrantes não tomam decisões isoladamente visto serem membros de um grupo social, o que pressupõe certos padrões de comportamento, normas de conduta social, deveres e direitos.

Deste modo, a vinda para a cidade deve ser vista, também, como resultado de uma junção de factores de ordem económica, social e, em certos casos até política e a incidência da migração (isto é, porque uns emigram e outros não) deve ser observada em função dos diferentes impactos que estes mesmos factores colectivos exercem sobre os indivíduos (idem: 57).

Embora, as motivações para migrarem da província da Zambézia para a cidade de Maputo sejam diversas, os nossos informantes afirmam que os seus parentes os apoiaram desde o começo e durante todo o processo de migração.

Vim para a cidade de Maputo por sugestão dos meus parentes, que me disseram que em Maputo eu teria a possibilidade de ter melhores condições de vida¹.

Outros migrantes que afirmaram ter tomado a decisão de migrar com apoio dos parentes são Orlando e Jeremias:

¹ Entrevista com Jorge, 26 de Julho de 2008.

Tomei a decisão de migrar para a cidade de Maputo em conjunto com a minha irmã casada que já vivia em Maputo².

Os meus pais não queriam que eu saísse de Quelimane, porque até ofereceram a possibilidade de custear os meus estudos no ISPU de Quelimane. Eu pretendia fazer um curso superior que envolvesse matemática. Os meus pais apenas me deram dinheiro para custear os gastos para candidatura à Universidade Eduardo Mondlane, onde eu pretendia estudar.

UEM é UEM³.

Os relatos dos migrantes acima sobre a decisão de migrar, mostram que a migração não é somente uma estratégia individual, mas também colectiva. A esse respeito, Loforte (1987) refere o seguinte:

Os indivíduos solteiros e casados partiram das suas terras com a ideia de arranjar através de trabalho remunerado uma fonte de subsistência regular e mais desafogada para as suas famílias. Vêm para a cidade assim, numa estratégia colectiva pois são as necessidades de sobrevivência material duma unidade doméstica e não sonhos de realização ou autonomia individual que encorajam a partida (idem: 56).

2.2. Motivações e preferências para migrar para a cidade de Maputo

As motivações e preferências para os vendedores informais e estudantes universitários terem migrado são diferentes. Alguns estudantes universitários por nós entrevistados migraram para a cidade de Maputo regra geral para estudar, pois em Quelimane os cursos que eles desejavam seguir não estavam disponíveis nas instituições de ensino superior lá existentes. Esse foi o caso de Henry Chipire, Jacob Valia e de Jeremias.

² Entrevista com Orlando, 26 de Julho de 2008.

³ Entrevista com Jeremias, 9 de Agosto de 2008.

Eu pretendia fazer o curso superior de agronomia e este só era leccionado em Maputo, na Universidade Eduardo Mondlane. O meu tio, irmão do meu pai é que tomou conta de mim e dos meus irmãos após à morte do meu pai. Para que ele tomasse melhor conta de mim sugeriu que eu saísse de Quelimane para vir viver com ele em Maputo e estudar⁴.

Vim para a cidade de Maputo porque desejava fazer o curso de gestão, que na altura só era leccionado na Universidade Eduardo Mondlane na cidade de Maputo⁵.

Migrei para a cidade de Maputo a fim de fazer um curso que envolvesse matemática, mas o meu principal objectivo era fazer um curso que tivesse como disciplina base matemática na Universidade Eduardo Mondlane devido à reputação de que essa Universidade goza⁶.

Por seu turno os vendedores informais com quem conversamos migraram em busca de melhores oportunidades e condições de vida, conforme atestam os relatos abaixo:

Vim para a cidade de Maputo em busca de melhores condições de vida, porque em Namacurra só se faz negócio, e esse negócio não rende nada.⁷

Os relatos corroboram com a teoria micro-sociológica das migrações que adoptamos neste trabalho, teoria segundo a qual cabe ao agente individual a decisão de migrar ou não, embora haja um conjunto de condicionantes externas à sua decisão (Peixoto, 2004). Neste contexto, os migrantes são atraídos para a cidade de Maputo pelos factores *push-pull* mão-de-obra nas áreas urbanas, alta circulação de capital, mais bens de consumo disponíveis, maior acesso a bens e serviços e comodidades (Peixoto, 2004; Bilale, 2007).

⁴ Entrevista com Henry, 8 de Julho de 2008.

⁵ Entrevista com Jacob, 8 de Julho de 2008.

⁶ Entrevista com Jeremias, 9 de Agosto de 2008.

⁷ Entrevista com Luís, 10 de Agosto.

2.3. As relações de parentesco que se estabelecem entre os migrantes e os seus parentes já fixados na cidade de Maputo

As relações de parentesco que os migrantes mantêm com os parentes já fixados na cidade de Maputo, assentam na consanguinidade, tanto para os estudantes universitários assim como para os vendedores informais. É de salientar na recepção dos migrantes a figura do tio, independentemente de ser o materno ou o paterno, conforme atestam as citações a seguir:

Quando o meu pai faleceu, o meu tio irmão do meu pai que já se encontrava fixado na cidade de Maputo ficou encarregue de cuidar de mim e dos meus irmãos. Por forma a cuidar melhor de mim, sugeriu que eu viesse para junto dele na cidade de Maputo porque eu estando em Quelimane se tornava difícil para ele tomar conta de mim⁸.

Alguns migrantes ainda vivem com os tios que os receberam, como mostra o relato abaixo:

Resido no bairro polana caniço A com o meu tio desde 1998⁹.

Outro migrante que também ainda vive com o tio que o recebeu, é Germano Rassul:

Cheguei na cidade de Maputo há 8 anos. Fui recebido pelo meu tio irmão da minha mãe no bairro de Romão. Ainda vivo com o meu tio que me recebeu¹⁰.

Para além de Henry e Germano, outros migrantes por nós entrevistados como Genito, Jacob, Jeremias, Saurino, Raúl, Manuel e Orlando, também foram recebidos pelos tios.

⁸ Entrevista com Henry, 8 de Julho de 2008.

⁹ Entrevista com Henry, 8 de Julho de 2008.

¹⁰ Entrevista com Germano, 26 de Julho de 2008.

Outros migrantes foram recebidos por parentes também consanguíneos, tais como irmãos e primos.

Cheguei à cidade de Maputo há 3 anos. Fui acolhido pelo meu irmão Benedito com quem vivi no Xiquelene, depois vivi no bairro da Mafalala com meu primo Ivo. Actualmente vivo no bairro da Maxaquene B com os meus primos Ivo e Jorge¹¹.

O senhor José foi recebido pela irmã e pelo cunhado, o que constitui caso único de entre os informantes, uma vez que a maioria (13 migrantes) foram recebidos em Maputo por parentes do sexo masculino.

Estou na cidade de Maputo há 4 meses. Quando cheguei fui recebido pela minha irmã e meu cunhado. A minha irmã e o meu cunhado estão em Namacurra de visita e deixaram a casa sob minha responsabilidade¹².

Em todos casos foi um parente consanguíneo do sexo masculino que os recebeu, excepto no caso de um estudante universitário que foi recebido pelo seu amigo.

O meu amigo de infância Genito que também é estudante universitário e reside no bairro Polana Caniço como eu, me apresentou ao Fortunato que intermediou o alúguer do espaço residencial em que vivo¹³.

Hélder e Genito são amigos de infância e se consideram irmãos, embora não sendo consanguíneos. O sentimento que os une mostra que o parentesco não é somente algo biológico, mas sobretudo uma construção social.

Os relatos acima, comprovam que a figura do tio é de longe a que acolhe os migrantes quando estes chegam à cidade de Maputo. Outro aspecto a salientar tem a ver com o facto

¹¹ Entrevista com Calton, 15 de Julho de 2008.

¹² Entrevista com José, 26 de Julho de 2008.

¹³ Entrevista com Hélder, 8 de Julho de 2008.

de os parentes que recebem os migrantes serem do sexo masculino, excepto no caso do senhor José que foi recebido pela sua irmã e pelo seu cunhado. Apesar de o seu cunhado ter consentido acolhê-lo em sua casa, em primeira instância foi uma mulher que o acolheu.

O facto de os migrantes serem acolhidos por parentes do sexo masculino na Cidade de Maputo pode estar relacionada com o facto de a migração interna em Moçambique ser maioritariamente masculina (Araújo, 1990).

Apesar da figura do tio ser muito importante no acolhimento e integração dos migrantes oriundos da Zambézia na cidade de Maputo, alguns dos migrantes acabaram saindo da casa de seus tios devido à problemas com as mulheres de seus tios.

Quando cheguei em Maputo, primeiro vivi em casa do tio, depois vivi em Magoanine por alguns meses.

Mudei-me da casa do meu tio por causa de alguns problemas com a minha tia, porque ela não gostava da minha presença em sua casa¹⁴.

2.4. Apoio que os vendedores informais e os estudantes universitários encontram nas redes de parentesco e noutras redes

As redes sociais baseadas no parentesco suportam os migrantes (tanto os estudantes universitários assim como os vendedores informais) desde a decisão de migrar, durante o processo e estadia da migração.

Os estudantes universitários diferentemente dos vendedores informais recebem maior apoio que os vendedores informais, porque eles não têm rendimentos como os

¹⁴ Entrevista com Genito, 8 de Julho de 2008.

vendedores informais. Por não terem rendimentos como os vendedores informais, a presença das redes de parentesco é de suprema importância para os estudantes.

Os seus pais enviam mensalmente uma quantia para que eles se possam manter na cidade de Maputo, e custear despesas tais como o pagamento do alúguer do local onde vivem porque a maior parte deles não vive com os seus parentes na cidade de Maputo, pagamento de propinas e cópias pois maior parte dos estudantes (5 estudantes dos 7 entrevistados) não é bolseira.

Os estudantes universitários com quem conversamos para além das redes de parentesco formam entre si uma rede social baseada na amizade. Prova disso foi uma entrevista colectiva que mantivemos com alguns deles em que um deles referiu que eles têm grande sentido de irmandade:

Quando chegaste eu estava a aconselhar o Genito porque ele dizia que tinha problema com a namorada dele em Quelimane. Eu na qualidade de mais velho, estava a aconselhá-lo. Aqui quando um de nós tem algum problema coloca na mesa e procuramos ajudá-lo¹⁵.

Existem casos em que um tipo de rede social é muito forte que não concede muito espaço para outras formas de redes sociais. Deparamo-nos com este caso junto aos vendedores informais, pois eles atribuem maior importância às redes de parentesco em detrimento das demais.

2.5. Apoio que os parentes concedem aos migrantes na cidade de Maputo

As redes sociais baseadas no parentesco são importantes, pois quando os migrantes chegam à cidade de Maputo, os parentes já fixados nessa cidade os recebem e acolhem

¹⁵ Entrevista com Henry, 8 de Julho de 2008.

em suas casas. Para além de de os acolherem, mostram caminhos para a sua integração no *modus vivendi* dessa sociedade.

Importa salientar que o apoio prestado aos migrantes não é somente por parte dos parentes já fixados na cidade de Maputo, mas também por parte dos que ficaram na sua zona de origem.

Alguns dos vendedores informais com quem conversamos afirmaram que alguns parentes seus que os receberam na cidade de Maputo, são vendedores informais o que de certa forma propiciou que eles também se tornassem vendedores informais.

Calton é vendedor informal e recebeu seu primo Jorge na cidade de Maputo. Por forma a ajudar seu primo Jorge, Calton mostrou-lhe os mecanismos para que ele também se tornasse vendedor informal.

Outro caso similar ao relatado no parágrafo anterior é o de José também vendedor informal que recebeu o seu sobrinho Manuel na cidade de Maputo. Actualmente, Manuel também é vendedor informal.

Os dois últimos parágrafos mostram o que Raison (1986) citado por Maia (2002) defende quando afirma o seguinte: *os movimentos convergem em função de redes de relações familiares e locais; daí resulta uma concentração de migrantes em certos locais e em certas profissões* (Raison, 1986: 495 citado por Maia, 2002).

É no seio das redes de parentesco que os migrantes procuram o acesso e controlo dos recursos e se integram em novos espaços de sociabilidade.

A rede de solidariedade que envolve estes parentes é densa e desempenha papel crucial na vida dos migrantes, pois através dela se trocam no quotidiano serviços diversos de extrema utilidade, tais como: produtos, vendas, informações sobre emprego, entre outras.

Geralmente cada migrante recém-chegado, o primeiro a chegar em um lugar faz crescer uma rede em torno de si, incluindo outras pessoas migrantes ou não (De Britto Lyra, 2003).

A ajuda que os parentes já fixados em meio urbano concedem aos migrantes é muito importante, pois como referiram alguns deles, não teria sido possível se fixarem na cidade de Maputo sem o suporte das redes de parentesco.

Baptista (1998) realizou um estudo sobre a vida dos migrantes Nordestinos em São Paulo e uma das informantes afirmou que sem o apoio dos seus parentes fixados em São Paulo teria sido impossível ela se fixar numa metrópole como São Paulo.

Um exemplo da troca de informações sobre vendas e produtos é a ajuda que Calton prestou a Jorge, seu primo:

Meu primo Calton me mostrou onde se vende crédito a um preço que dá para revender¹⁶.

2.6. Estratégias adoptadas com vista à sobrevivência na Cidade de Maputo

Por forma a fixarem-se na Cidade de Maputo, os migrantes oriundos da província da Zambézia accionam algumas estratégias de sobrevivência, tais como: o sector informal, redes sociais baseadas no parentesco, redes sociais baseadas na amizade e grupos de inter-ajuda e solidariedade.

Alguns migrantes utilizam como estratégia de sobrevivência na cidade de Maputo o sector informal, mas importa realçar que nem todos se dedicam à compra e revenda dos mesmos produtos. Alguns se dedicam à compra e revenda de recargas de crédito para

¹⁶ Entrevista com Jorge, 26 de Julho de 2008.

telemóveis, assim como possuem *one cell*¹⁷, e outros dedicam-se à outras actividades ainda dentro do sector informal, como a compra e revenda de produtos alimentíceos.

Outros ainda conciliam o sector informal com um emprego de guarda noturno.

*Por forma a sobreviver na cidade de Maputo vendo recargas de crédito para telemóveis e tenho um one cell. À noite trabalho como guarda de uma residência para tentar aumentar o meu rendimento*¹⁸.

Calton também se dedica à mesma actividade que Jorge:

*Trabalho e tenho meu próprio negócio. Vendo recargas de crédito para telefones e celulares e tenho um one cell. De noite trabalho como guarda noturno três vezes por semana*¹⁹.

Orlando e Germano se dedicam à compra e revenda de rebuçados e bolachas por forma a obter algum rendimento para a sua sobrevivência na cidade na Maputo.

*Vendo bolachas, rebuçados e sabão para ganhar algum dinheiro para o meu sustento. Trabalhava como guarda noturno numa residência, mas ficava alguns meses sem receber por isso que deixei de trabalhar lá*²⁰.

*O meu tio com quem vivo não está a trabalhar. Para ter algum dinheiro vendo rebuçados, e bolachas. O meu primo trabalha e também ajuda nas despesas de casa*²¹.

¹⁷ *One cell* é um telefone em formato de telefone fixo, mas que é de telefonia móvel que pode ser encontrado praticamente em todas artérias da cidade de Maputo. Para utilizar o *one cell* paga-se um metical da nova família por minuto.

¹⁸ Entrevista com Jorge, 26 de Julho de 2008.

¹⁹ Entrevista com Calton, 15 de Julho de 2008.

²⁰ Entrevista com Orlando, 26 de Julho de 2008.

²¹ Entrevista com Germano, 26 de Julho de 2008.

Outros migrantes utilizam como estratégias de sobrevivência as redes sociais baseadas no parentesco, pois não desenvolvem nenhuma actividade remunerada. Isso é mais frequente entre os estudantes universitários.

Não possuo nenhuma fonte de rendimento. Para sobreviver aqui na cidade de Maputo recorro ao dinheiro que os meus pais me enviam e aos meus amigos²².

Não tenho nenhuma fonte de rendimento. Quando enfrento alguma dificuldade ou preciso de alguma coisa recorro ao meu tio, ao meu irmão mais velho, aos meus amigos, a minha irmã e a minha namorada que estão em Quelimane²³.

Alguns migrantes como Orlando, Germano, e Jeremias fazem parte de algumas associações de solidariedade e inter-ajuda.

Pertenço à uma associação de amigos que abrange os bairros da Malhangalene, Maxaquene e Urbanização. É uma associação de amigos que prestam solidariedade uns aos outros em épocas de falecimento, doenças e outros infortúnios²⁴.

Faço parte de uma associação de amigos oriundos de Maputo. Nessa associação fazemos xitique e é importante porque nos ajudamos quando alguém está doente. Contribuímos e compramos produtos e prestamos solidariedade em caso de falecimento²⁵.

Jeremias também faz parte de uma associação de inter-ajuda:

²² Entrevista com Saurino, 9 de Agosto de 2008.

²³ Entrevista com Raúl, 9 de Agosto de 2008.

²⁴ Entrevista com Orlando, 26 de Julho de 2008.

²⁵ Entrevista com Germano, 26 de Julho de 2008.

Pertenço à duas associações ligadas à Zambézia, embora não me lembre dos nomes. São duas associações de âmbito académico. Tais associações têm em vista a troca de solidariedade e experiências académicas²⁶.

2.7. Contacto com o local de origem

Os estudantes universitários têm ido à sua terra de origem com maior frequência do que os vendedores informais. Os estudantes universitários têm visitado a terra de origem pelo menos uma vez por ano (até ao momento), ao passo que os vendedores informais desde que chegaram à cidade de Maputo apenas foram uma vez à terra de origem.

Para os vendedores informais torna-se difícil ir à terra de origem com a mesma frequência que os estudantes universitários devido à escassez de meios, uma vez que a viagem da cidade de Maputo para a Zambézia ou vice-versa é de aproximadamente mil e quinhentos meticais.

Os estudantes universitários vão com maior frequência à terra de origem pois dispõem de mais meios para tal que os vendedores informais, de acordo com os relatos abaixo de Luís que é vendedor informal, e outro de Raúl que é estudante universitário:

Não vou sempre à Namacurra devido ao custo da passagem de Maputo até lá. Não tenho condições para ir sempre porque não tenho dinheiro. Só consigo dinheiro para comer e pagar onde vivo. Desde que cheguei na cidade de Maputo há três anos, só fui uma vez para terra²⁷.

Tenho ido para Quelimane diversas vezes. Vou sempre que estou de férias porque no dinheiro que meus pais me mandam reservo algum para viajar²⁸.

²⁶ Entrevista com Jeremias, 9 de Agosto de 2008.

²⁷ Entrevista com Luís, 10 de Agosto de 2008.

²⁸ Entrevista com Raúl, 9 de Agosto de 2008.

Tanto os vendedores informais assim como os estudantes universitários quando vão à terra de origem contactam com amigos e parentes. A terra de origem representa para os vendedores informais assim como para os estudantes universitários abrangidos por este estudo, o local de nascimento e de interacção com parentes e amigos, assim como com os seus antepassados.

2.8. Discussão

A nossa discussão é feita a partir da visão de alguns sociólogos como por exemplo Parsons (1968-69), que considera que os laços de parentesco perdem o seu poder normativo sobre a vida dos indivíduos em meio urbano devido ao que Castells (1984) chamou de cultura urbana²⁹, e dos resultados que obtivemos no estudo que efectuamos na cidade de Maputo.

Parsons (1968-69) refere que os laços de parentesco perdem o seu poder normativo sobre a vida dos indivíduos em meio urbano. Este autor refere ainda que em meio urbano a família nuclear tende a isolar-se em relação à parentela.

Discordamos da visão de Parsons expressa no parágrafo anterior e apoiamo-nos na visão de Maia (2002) sobre o contacto que os migrantes mantêm com os parentes e amigos que ficaram nas zonas de origem:

²⁹ Segundo Castells, apoiando-se na noção de cultura de Tylor, Parsons, Park e Wirth, cultura urbana é um sistema específico de normas ou valores, e no que refere aos actores de comportamentos, atitudes e opiniões. Este sistema é a expressão de formas determinadas de actividade e organização sociais caracterizadas por diferenciação apreciável das interacções, isolamento social e pessoal, segmentação dos papéis desempenhados, superficialidade e utilitarismo nas relações sociais, especialização funcional e divisão do trabalho, espírito de competição, grande mobilidade, economia de mercado, predomínio das relações secundárias sobre as primárias, passagem da comunidade à associação, demissão do indivíduo relativamente às organizações, controle da política pelas associações de massa (Castells, 1984: 59).

A distância física entre os espaços de proveniência e de acolhimento não é impedimento para a maior parte dos migrantes à manutenção de contactos regulares em relação a familiares e amigos que permaneceram na terra de origem (idem: 73-74).

Apesar de os migrantes mobilizarem outro tipo de redes sociais como as redes de amizade e vizinhança, as redes sociais baseadas no parentesco são as que se destacam mais no suporte à migração dos seus membros porque é através delas que os migrantes se inserem em novas solidariedades, fundadas na profissão e associações constituídas em novas bases não linhageiras.

Os laços de parentesco não perdem o seu poder normativo em meio urbano conforme avança Parsons e permitem o acesso aos recursos que garantem a reprodução social dos seus membros. Parsons defende que a industrialização operou mudanças nas relações de parentesco mais visíveis no meio urbano do que no rural, o que propiciou o isolamento da família nuclear em relação à parentela (Parsons, 1968-69).

As redes sociais baseadas no parentesco prestam apoio aos migrantes oriundos da Zambézia desde a decisão de migrar, despesas da viagem nalguns casos, envio de dinheiro no caso dos estudantes universitários, aconselhamento, indicação de caminhos para a sua sobrevivência em meio urbano entre outros aspectos.

Maia (2002) no estudo que efectuou no Porto sobre as migrações e redes de relações sociais concluiu que 60% dos migrantes com quem conversou se integrou na cidade através de suporte familiar.

Para além das redes de parentesco importa realçar que as outras redes sociais nomeadamente: de amizade, vizinhança e associações dos mais variados tipos também suportam o processo migratório dos migrantes oriundos da Zambézia.

Considerações Finais

No presente trabalho analisamos o papel das redes de parentesco na integração dos migrantes oriundos da Província da Zambézia na cidade de Maputo.

Para analisarmos o tema que nos propusemos estudar utilizamos o quadro analítico das redes sociais. Esta orientação teórica nos permitiu notar que em situações de vulnerabilidade e de pobreza, os indivíduos mobilizam redes sociais dos mais diversos tipos, e que a pertença à uma rede de parentesco não impede a pertença à outra rede social. Contudo é notória a grande influência exercida pelas redes de parentesco no processo de integração de ambos grupos de migrantes.

A migração interna espontânea constitui uma estratégia de sobrevivência face às assimetrias de desenvolvimento entre as diversas regiões de um país, pelo que os migrantes oriundos da província da Zambézia se deslocam em direcção à cidade de Maputo com intuito de aceder à recursos e bens que não estão disponíveis nas suas zonas de origem, o que de certa forma corrobora com a teoria micro-sociológica das migrações previamente apresentada neste trabalho.

As redes sociais baseadas no parentesco são muito importantes porque como referiram alguns dos informantes, se não fosse pelo apoio dos parentes jamais teriam conseguido se fixar em uma cidade como Maputo.

Apesar de muitos deles viverem sozinhos e distantes da terra de origem onde está a maioria da sua parentela, continuam dependendo e contando com esta (a parentela) para a tomada de certas decisões que aparentemente são somente individuais.

O quadro das redes sociais na perspectiva proposta por Mitchell (1969) permitiu-nos identificar o tipo de relação, o grau de proximidade e a frequência de contacto existente entre os integrantes de uma dada rede social. Por exemplo, no caso de alguns dos

estudantes universitários que entrevistamos, mantêm para além da rede de parentesco para com os seus consanguíneos já fixados na cidade de Maputo, uma rede de amizade e de vizinhança forte entre eles que vem já desde Quelimane. Esses estudantes universitários encontram-se praticamente todos os dias, aconselham-se, e possuem grande sentido de irmandade.

O ponto de vista expresso pelos informantes no parágrafo acima corrobora com a visão de Rita-Ferreira (1967/68), Maia (2002) e Serapioni (2005) que consideram que os laços de parentesco continuam a desempenhar o seu papel mesmo em meio urbano. Deste modo, nota-se que o parentesco continua sendo importante, assumindo um papel normativo num meio em que as mudanças ocorrem a um ritmo acelerado, representando cada vez mais um elemento estável que permite aos indivíduos encontrarem um sentido para a sua acção.

Os parentes ficaram na sociedade de proveniência ou de origem, prestam apoio à família nuclear do indivíduo migrante ou mesmo à ele, como por exemplo, no caso dos estudantes universitários por nós entrevistados, em que na maioria das vezes os seus parentes (nos referimos neste caso aos progenitores) é que custeam as suas despesas de alojamento, alimentação, saúde e educação.

Os parentes já fixados na cidade de Maputo, à medida que vão recebendo parentes provenientes do seu local de origem, vão tendo com quem repartir as despesas de casa, conforme nos deram a conhecer alguns dos informantes.

A maior parte dos informantes, senão todos, afirmaram que se não fosse pelos seus parentes já fixados na cidade de Maputo jamais conseguiriam sobreviver numa cidade grande, culturalmente heterógena e onde predomina um crescente individualismo e onde o custo de vida se agrava a cada dia que passa.

Referências Bibliográficas

Acioli, S. 2007. “Redes Sociais e Teoria Social: revendo os fundamentos de um conceito”, in: inf. Londrina, vol. 12.

Arriscado Nunes, J. 1995. “Com mal ou com bem, aos teus te até: as solidariedades primárias e os limites da Sociedade Providência”, in: Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra: CES, in: Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra: CES, nº 42.

Baptista, D. 1998. *Nas terras do “Deus dará”*: Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo. [Tese de doutoramento em Ciências Sociais]. São Paulo: Universidade Pontifícia Universidade de São Paulo.

Basham, R. 1978. *Rural-Urban Migration and the growth of cities*, in: Urban Anthropology. The Cross-Cultural Study of Complex Societies. Mayfield: Publishing Company.

Benedict, R. (s/d). *Padrões de Cultura*. Lisboa: Livros do Brasil.

Bilac, E. 1997. “Arranjos domésticos e condição migratória”, in: Patarra, N; Baeninger, R; Bógus, L. M e Januzzi, P. (orgs.) Migrações, condições de vida e dinâmica urbana. São Paulo: UNICAMP.

Bilale, C. 2007. *Mulher Migrante na cidade de Maputo*. [Tese de Mestrado]. Maputo: UEM/FLCS/CEP.

Biza, A. 2000. *As Características Sociais das Mulheres Chefes de Agregado Familiar e suas Estratégias de Sobrevivência em Contexto Peri-Urbano: o caso do Bairro Luís*

Cabral. [Tese de Licenciatura em Antropologia não publicada]. Maputo: UEM/FLCS/DAA.

Carsten, J. 2000. *Cultures of Relatedness: New Approaches to the Study of Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press.

Castells, M. 1984. *Problemas de Investigação em Sociologia Urbana*. Lisboa: Editora Presença.

Cruz e Silva, T. 2003. *As Redes de Solidariedade como Intervenientes na Resolução de Litígios: o caso da Mafalala*, in: Sousa Santos, B. E Trindade, J. C (eds.). 2003. *Conflito e Transformação Social: uma paisagem das Justiças em Moçambique*. Porto: Edições Afrontamento, 2º volume.

Da Costa, A. B. 2007. *O Preço da Sombra: sobrevivência e reprodução social entre famílias de Maputo*. Lisboa: Livros Horizonte.

De Araújo, M. 1990. “Migrações Internas e o Processo de Urbanização”, in: *Dinâmica Demográfica e Processos Económicos Sociais e Culturais*. Maputo: Direcção Nacional de Estatística, Série População e Desenvolvimento, documentos nº 2.

Dos Santos, A. 2006. *Antropologia do Parentesco e da Família*. Lisboa: Instituto Piaget.

Ferreira Nunes, B. S/D. “Urbanização e Migrações: reflexões gerais para auxiliar na interpretação do fenómeno no Brasil”. SL/SE.

Goldenberg, M. 2000. *A Arte de Pesquisar: Como Fazer uma Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.

Inguane, C. 2006. *A Assistência das Redes Sociais às Pessoas vivendo com HIV/SIDA na Cidade de Maputo-Moçambique*. [Tese de Licenciatura em Antropologia não publicada]
Maputo: UEM/FLCS/DAA.

Loforte, A. 1987. “Migrantes e a sua Relação com o Meio Rural”, in: *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*, n° 4.

_____. 2000. *Género e Poder entre os Tsongas de Moçambique*. Maputo: Promédia.

Lundin, I. 1987. “Aspectos Metodológicos da elaboração e o Desenvolvimento do Projecto: Migrantes e a sua Relação com o Meio Rural”, in: *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*, n° 4.

_____. 1991. “Apreciação em Carácter Comparativo de certos Aspectos Sócio-Culturais da População do Espaço Urbano do Grande Maputo: descrição e análise do rural e do urbano”. Maputo: UEM/ DAA.

Lyra, M. R. B. 2003. “Sulanca X Muamba: rede social que alimenta a migração de retorno”. Campinas: Anais do Seminário Quantos Somos e Quem Somos no Nordeste.

Maia, R. L. 2002. “Migrações e Redes de Relações Sociais em Meio Urbano: Um Exemplo a partir do Porto”. *S/L: Revista de Demografia Histórica*.

_____. 2002. *Dicionário de Sociologia*. Porto: Porto Editora.

Manjate, N. 2007. *Integração dos Imigrantes em Contextos Urbanos: o Caso dos Alfaiates de Nampula no Bairro do Alto-Maé* [Tese de Licenciatura em Antropologia não Publicada]. Maputo: UEM/ FLCS/ DAA.

Manuel, S. 2004. *Love and Desire: concepts, narratives and practices of sex amongst youths in Maputo City*. [Unpublished Master Thesis in Social Anthropology]. Cape Town: University of Cape Town.

_____. 2005. “Obstacles to condom use among secondary school students in Maputo city, Mozambique”, in: *culture, health and sexuality*, 7(3). Pp. 293-302.

Mitchell, C. 1969. *The Concept and Use of Social Networks*, in: Mitchell, C. (ed.). *Social Network in Urban Situations: analyses of personal relationships in central African towns*. Manchester: Manchester University Press.

Moçambique, Instituto Nacional de Estatística. 2004. *Anuário estatístico: cidade de Maputo. 2003*. Maputo.

Monteiro, S. 2002. “Qual Prevenção? AIDS, Sexualidade e género em uma Favela Carioca”. Rio de Janeiro: Fio Cruz.

Oppenheimer, J; Raposo, I. 2002. “A Pobreza em Maputo”. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Departamento de Cooperação.

Parsons, T. 1968. *La estructura de acción social*. Madrid: Guadarrama.

_____. 1969. *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas*. São Paulo: Pioneira.

Paulo, M. 2005. *Fertility, sexuality and HIV/AIDS campaigns in Mafalala Bairro, Maputo-Mozambique* [Tese de licenciatura] Cape Town: University of Cape Town.

Peixoto, J. 2004. “As Teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas”. Lisboa: Socius Working Paper, nº 11/ 2004.

Paulo, M; Rosário, C; Tvedten, I. 2007. *Xiculungo: Relações Sociais da Pobreza Urbana em Maputo*, Moçambique. Maputo: CHR Michelsen Institute.

Portugal, S. 1995. “As mãos que embalam o berço: um estudo sobre redes informais de apoio à maternidade”, in: Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra: CES, nº 42.

Radcliffe-Brown, A. R. 1950. *Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento*. Lisboa: edições Calouste Gulbenkian.

Rita-Ferreira, A. 1967/68. “Os Africanos de Lourenço Marques. Lourenço Marques”: Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique, série C, vol. 09.

Rivière, C. 1995. *Introdução à Antropologia*. Lisboa: Edições 70.

Serapioni, M. 2005. “O Papel da Família e das Redes Primárias na Reestruturação das Políticas Sociais”. *Ciência e Saúde Colectiva*, 10 (sup): 243-253.

Sousa Minayo, M e Sanchez. 1993. “Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade”? *Cadernos de Saúde Pública*, 9 (3): 239-262.

Werbner, R. 1984. “The Manchester School in South-Central Africa”. *Annual Review of Anthropology*, vol. 13.

Páginas Web

ANAMM, 2008. “Alguns Dados sobre a Cidade de Maputo”.

([http:// www.anamm.org.mz/maputo.htm](http://www.anamm.org.mz/maputo.htm)) acessado a 20 de Novembro de 2008.

INE, 1997. “Migração”.

(http://www.ine.gov.mz/censos_dir/recenseamento_geral/estudos_analise/migra/view?searchterm=Migrações%20Internas) acessado a 13 de Maio de 2008.

Anexos

Guião de Entrevista para a Recolha de Dados¹

I- Ficha Técnica:

- Data:
- Local de entrevista:

II-Identificação Social:

- Nome:
- Idade:
- Naturalidade (província/ distrito):
- Nível de escolaridade:
- Residência:
- Contacto:

III. Migração:

- Há quanto tempo mora na Cidade de Maputo?
- Veio directamente do seu local de origem para Maputo? Se não para onde se deslocou primeiro e porquê?
- Desde que chegou à cidade de Maputo sempre viveu no mesmo local? Porque escolheu esse local para viver?
- Nos locais onde viveu, porque é que mudou de residência?²

¹ Metodologia baseada em Lundin, I. B. 1987. Aspectos Metodológicos da elaboração e o Desenvolvimento do Projecto: Migrantes e a sua Relação com o Meio Rural, in: Trabalhos de Arqueologia e Antropologia, n° 4.

² Pergunta a ser feita, em função da resposta dada pelos informantes à questão anterior.

- Aprendeu aqui alguma profissão? Qual? Tem desenvolvido essa sua profissão?

IV. Motivações e preferências para migrar para a Cidade de Maputo

- Porque veio fixar-se na Cidade de Maputo? Já sabia alguma coisa sobre a Cidade de Maputo, tal como: oportunidades de emprego ou existência de outras condições para melhorar de vida? Se sim, qual foi a sua fonte de informação: parentes, amigos ou conhecidos já fixados na Cidade de Maputo ou por outra fonte?
- Tomou a decisão de transferir-se da sua zona de origem para a cidade de Maputo sozinho(a)?
- Teve ou tem apoio dos seus parentes e familiares nessa decisão?
- Na sua zona de origem não há emprego e boas condições de vida, tais como: escolas, postos de Saúde e possibilidades para abrir um negócio próprio?

V.Recepção e acolhimento:

- Quem o (a) recebeu e o (a) hospedou na Cidade de Maputo aquando da sua chegada? Ver o grau de parentesco e as diferenças se são homens ou mulheres
- Com quem vive actualmente? Verificar se são as mesmas pessoas que o (a) receberam
- Em que zona da cidade de Maputo vive? Porque nesta zona ou bairro?
- Os seus vizinhos, amigos e colegas (se os tiver) são seus conterrâneos?

VI. Contactos com o local de origem e com os parentes lá sediados:

- Desde que chegou à cidade de Maputo, já foi à sua terra de origem?
- Porque vai à terra de origem? O que representa a terra de origem para si?
- Com que regularidade vai à sua terra de origem? Quem são as pessoas com quem contacta ou vive no seu local de origem?
- Tem levado produtos do local de origem para a Cidade de Maputo e vice-versa?
- Há parentes seus que queiram se fixar na cidade de Maputo? Se eles quiserem vir, irá recebê-los?

VII. Contacto e interacção com o novo meio circundante

- Possui alguma fonte de rendimento na Cidade de Maputo? Qual? É suficiente para o seu sustento? Tem de recorrer a outras fontes de rendimento alternativas?
- Tem amigos naturais da cidade de Maputo? Como fez ou conseguiu essas amizades?
- Tem ou já teve algum conflito com as pessoas que nasceram e vivem na cidade de Maputo? A convivência entre vocês os Zambezianos e os naturais de Maputo é pacífica? Se já teve algum conflito, qual foi a razão do mesmo? Como o mesmo conflito foi resolvido?
- Fala ou aprendeu alguma língua materna da cidade de Maputo? Porque é importante saber uma língua daqui de Maputo?
- Tem família (mulher/ marido e filhos) na cidade de Maputo? Casou-se com alguém natural desta Cidade? Em caso afirmativo, porque escolheu daqui de Maputo e não do seu local de origem?
- Já participou nalgum ritual mágico-religioso (como por exemplo o *kupalha*) praticado em algumas regiões do Sul de Moçambique, de

entre as quais em algumas partes da Cidade de Maputo? Quem realizou este ritual e qual o seu objectivo?

VIII. Estratégias no novo meio urbano:

- Conseguiu ter ou tem acesso à educação formal desde que chegou à Cidade de Maputo? Qual a importância de obter esta educação?
- Tem alguma ligação com associações políticas, religiosas e sócio-económicas? Que benefícios ou vantagens tira por pertencer a estas associações, ou sejam que ajuda lhe prestam? De que tipo o que a mesma representa para si?
- Que dificuldades tem enfrentado no quotidiano na Cidade de Maputo?
- Que estratégias de sobrevivência o senhor (a) e seus parentes ou familiares têm adoptado para enfrentar as dificuldades de que falou? Como consegue viver nesta cidade tendo em atenção que não é deste lugar, a vida está muito cara, por vezes, um único emprego não é suficiente?
- Quando tem problemas por exemplo como doenças, mortes, ou carências diárias à quem recorre: amigos, parentes, vizinhos, colegas, Igreja ou à associações político-económicas? Porque recorre a estes para estas necessidades?